

EXPLORANDO AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

As representações culturais da violência contra as mulheres foram mistificadas, erotizadas e retratadas como heróicas, camuflando e banalizando atos de violência como uma norma social ao longo de milhares de anos. Recentemente, ao ler dois romances policiais da escritora americana Ivy Pochoda, nomeadamente, *Sing Her Down* (2023) e *These Women* (2020), centrados em personagens femininos cujas histórias revolvem em torno de um tema central, a violência, surpreendi-me ao deparar-me no último romance com algo de diferente: em *Sing Her Down*, a violência é inerente a duas das personagens principais, isto é, ela não é justificada por algo que os homens lhes tenham feito. De certo modo, a violência aqui é assumida como forma de estabelecer uma relação equitativa entre os géneros. Segundo Pochoda, “I became interested in how we gender violence, and how it’s acceptable to write violent men, but it’s not acceptable to write violent women. I’ve always really been interested in why certain things are acceptable in fiction and why they aren’t”. Esta é certamente uma forma diferente de questionar a *condição feminina* e o lugar em que a mesma tem sido colocada na opressiva rede de construções sociais que transbordam para o século XXI, em que o problema da igualdade de género ainda está longe de ser resolvido, tanto em países ditos hegemónicos (caso da literatura de Pochoda), como dos ditos periféricos (caso das literaturas de língua portuguesa). A realidade com que somos confrontados, ao lermos literaturas de vários pontos do globo, é a de que certas experiências são universais para as mulheres. A detective Lobos, presente nos dois livros mencionados, faz-nos encarar essa verdade de frente como explica a sua criadora: “Women are not allowed to be angry. Her husband is abusive, and she’s just expected to put a brave face on it and go to work. And she knows if she talks about what’s going on at home, she’s going to be looked down on at work: She’s a police officer and she can’t control her home life, so how can she control a criminal on the streets? So she’s very much angry about the fact that she’s always walking a tightrope as a woman”.

A noção de que as mulheres estão sempre a caminhar na corda bamba pode ser igualmente observada no conto “O Vestido Vermelho,” de Mia Couto, incluído na coletânea *O Caçador de Elefantes Invisíveis* (2021). Este conto oferece-nos uma janela para o impacto emocional e psicológico profundo causado pela violência e pelo terrorismo em Cabo Delgado, Moçambique. O autor afasta-se da narrativa convencional de violência e tragédia e concentra-se nas histórias dos sobreviventes, explorando como a partida e a perda afetam a vida das pessoas. A história é centrada na protagonista, uma mulher que enfrenta a tragédia de perder seu marido e único filho para a guerra e o terrorismo que assolam a região. A decisão de procurar o seu filho desaparecido, apesar dos riscos representados pelos soldados armados, que esta acaba por encontrar no caminho e tendo conhecimento do ditado popular da sua aldeia — “uma mulher que enfrenta sozinha a estrada é uma mulher que está despida” —, reflete a resiliência e a força das mulheres que enfrentam circunstâncias adversas. Na estrada, ao deparar-se com os soldados que lhe perguntam pelo dono da mala e se prepararam para a violar, o leitor é transportado ao passado e à sua relação desumanizadora com o marido: “Na altura, ataquei o meu homem aos berros e aos pontapés. Erro meu: a raiva ainda me fez mais invisível. Serenamente, o meu marido voltou a meter o vestido na mala e fechou-a com uma corda. Com a mesma corda amarrou a mala ao teto. E avisou-me que não tocasse nunca naquela sua propriedade: — *Vou vender o que está nessa bagagem e compro uma nova mulher* —, foi o que ele disse”. A invisibilidade numa relação conjugal une a detective Lobos e a mulher deste conto moçambicano, funcionando como metáfora para a perda da identidade e autonomia do sujeito feminino por todos os cantos do globo em que a misoginia, o desrespeito e a violência é um problema global que afeta as mulheres, independentemente de sua origem ou cultura. Ambos os autores aqui mencionados servem para nos alertar da imensidão deste problema e ajudam-nos a considerar as complexidades do trauma e da resiliência em diferentes contextos, destacando a importância de contar as histórias das vítimas e sobreviventes para que possamos entender a verdadeira extensão do impacto da violência.

A violência contra as mulheres foi reconhecida como uma violação dos direitos humanos pelas Nações Unidas (UNWomen.org, 2015). O seu relatório de 2018-2019, afirma claramente que “Every woman and girl has the right to a life free from violence, yet all over the world, gender-based violence remains the most common violation of women’s human rights” (UN Women Annual Report, 2018–2019, p. 1). Esta edição da *Revista Abril* chega em um momento em que as pessoas — encorajadas com diferentes níveis de conforto e ação — estão reivindicando identidades e poder próprios, desafiando assim o discurso cultural predominante à medida que encontram coragem para falar contra os perpetradores e aqueles que preferem manter uma postura de silêncio e negação, em vez de abordar a violação, a vergonha e o trauma associados aos atos de violência contra as mulheres. Como resultado dessa narrativa cultural em mudança, a violência contra as

mulheres está ganhando um novo tipo de atenção — atenção que eleva vozes antes silenciadas ou abafadas, exigindo mudanças com compartilhamento de informações que contrabalançam o entorpecimento social e a falta de vontade dos que estão no poder em educar as sociedades.

Nas páginas deste dossiê temático, mergulhamos nas profundezas das literaturas de língua portuguesa em busca de um entendimento mais amplo e profundo das representações culturais da violência contra as mulheres. Ao explorar uma gama diversificada de obras literárias, das mais clássicas às criações contemporâneas, abrimos as portas para um diálogo essencial sobre um tema que há muito tempo tem sido invisibilizado e subestimado. Os artigos aqui apresentados conduzem-nos através de uma viagem literária que nos leva desde as complexas narrativas de mulheres vivendo sob o violento regime colonialista em Moçambique até à análise de romances que denunciam as várias formas de violência que as personagens femininas enfrentam em contextos pós-coloniais e contemporâneos. Exploram-se não apenas a violência física, mas também a violência simbólica, a opressão, a resistência e a reconstrução das identidades femininas em face de circunstâncias adversas. Os autores destes textos adoptam uma abordagem interdisciplinar, recorrendo a teorias da literatura, filosofia, feminismo, psicologia e sociologia para lançar luz sobre as representações literárias da violência de género. Cada artigo revela camadas profundas de significado nas obras analisadas, destacando o papel decisivo que a literatura desempenha na conscientização e na promoção do diálogo sobre esta questão crucial. Da violência colonial ao ambiente pós-colonial, das fronteiras de identidade à luta por liberdade e da resistência ao empoderamento feminino, estes ensaios convidam-nos a reflectir sobre como as narrativas literárias moldam nossa compreensão da violência contra as mulheres e, ao fazê-lo, inspiram-nos a considerar formas de combater essa injustiça sistémica.

Jaqueline Vieira de Lima e Luana Micaelhy da Silva Morais apresentam-nos artigo “Reflexões acerca da violência contra a mulher a partir do romance *A Construção do Vazio*, de Patrícia Reis,” em que problematizam a violência contra a mulher, utilizando como corpus de análise o romance português contemporâneo *A construção do Vazio* (2017), da autora Patrícia Reis. O principal objetivo das críticas é analisar as violências sofridas pela personagem central da obra, para além de destacarem como a literatura de autoria feminina e a posição ideológica da autora da narrativa interferem no viés da discussão, contribuindo para a denúncia dessa problemática. Apoiando-se em vários estudos de cariz crítica, tentam identificar como as agressões às quais a personagem principal foi sujeita tornaram seu corpo disciplinado e degradado. Numa linha ainda de ficção portuguesa, **Jorge Vicente Valentim**, assumindo aqui uma posição de pesquisador homossexual, traz-nos um ensaio que se debruça sobre a violência e abusos no romance *Apneia* da escritora portuguesa Tânia Ganho. Valentim ressalta a representação de violência e abuso dirigida a personagens femininas e infantis nesta obra que se pode definir como um romance sobre a “arte de sobreviver,” empregando

conceitos cunhados por pensadores das Ciências Humanas, tais como Hanna Arendt, Judith Butler, Marie-France Hirigoyen e Zygmunt Bauman, como ferramentas analíticas essenciais para o seu pensamento. O terceiro artigo aqui incluído, da autoria de **Emanoelle Maria Brasil de Vasconcelos**, e de título “Flores recolhidas, apesar de despedaçadas: uma análise da violência pela condição de ser mulher, através de um conto de Lídia Jorge,” tem como foco de análise o conto “As três mulheres sagradas” da consagrada escritora portuguesa. Na análise oferecida por Vasconcelos, podemos identificar de maneira mais aprofundada as representações de dois tipos de violência: a violência física e a violência simbólica do silenciamento, que se tornam evidentes nas trajetórias das personagens Vera e Margarida. Essas representações de violência física manifestam-se por meio de actos concretos de agressão, resultando num sofrimento físico palpável para as personagens. Por outro lado, a violência simbólica do silenciamento é subtil e insidiosa, relacionando-se com a maneira como essas personagens são subjugadas, despojadas de voz e agência em suas vidas. Esses dois tipos de violência coexistem na narrativa, contribuindo para uma compreensão mais ampla das complexas dinâmicas enfrentadas pelas personagens femininas no contexto da história. Lídia Jorge volta a figurar no artigo seguinte que aqui apresentamos, desta vez numa linha comparativa com o *Caderno de Memórias Coloniais* de Isabela Figueiredo. Nele, **Gustavo Henrique Rückert** e **Cristina Arena Forli**, demonstram como em ambas as obras em questão, encontramos narrativas protagonizadas por mulheres que enfrentam as adversidades do regime colonial português em Moçambique, com um foco particular nas realidades da guerra colonial e no complicado processo de colonização e subsequente descolonização. Esses contextos históricos e políticos são fundamentais para compreender a experiência dessas mulheres, uma vez que o colonialismo não apenas permeou, mas também dominou profundamente suas vidas. Da sua análise, sobressai a importância de reconhecer como as narrativas de mulheres oferecem uma visão crítica e poderosa das lutas, resistências e resiliências que enfrentaram sob o peso esmagador do colonialismo. As suas histórias revelam não apenas as dimensões pessoais de suas vidas, mas também lançam luz sobre questões mais amplas relacionadas ao género, poder e colonialismo, fornecendo uma análise rica e multifacetada desse período tão caro à História.

O artigo que se segue ainda na linha da literatura portuguesa, pela mão de **Viviane Vasconcelos** centra-se no conto “A mãe de um rio,” da escritora de grande fôlego, Agustina Bessa-Luís. Na sua análise, a crítica explora o conceito de liberdade analisando dois artigos de Bessa-Luís em que esta discute a padronização dos comportamentos humanos e a importância de compreender a cultura e a história de forma mais ampla. Através desses e outros textos, Vasconcelos evidencia a forma como a escritora portuguesa enfatiza a valorização de comportamentos que não seguem padrões pré-estabelecidos elaborando uma conexão essencial entre liberdade e responsabilidade. O penúltimo artigo, que se alinha com a tradição da literatura portuguesa, embora com temática literária centrada no Brasil,

é-nos apresentado por **Mauro Dunder**. Com o título, “Com sedas matei e com ferros morri’: sedução e morte em *Indulgência Plenária e Pão de Açúcar*,” o crítico aborda um acontecimento de grande impacto social e cultural: o trágico assassinato de Gisberta Salce Junior, uma mulher transexual brasileira, na cidade do Porto, em fevereiro de 2006. Este evento, que ganhou ampla notoriedade na imprensa portuguesa, não apenas chocou a sociedade, mas também inspirou a criação de obras literárias que buscam dar voz às experiências de violência de gênero. Dunder dedica-se a analisar as estratégias composicionais empregadas em duas obras literárias dos escritores Alberto Pimenta, e Afonso Reis Cabral. O artigo busca lançar luz sobre as representações literárias dessas experiências de violência, analisando as escolhas narrativas e estilísticas dos autores para transmitir a complexidade das mesmas. Por fim, no contexto da literatura portuguesa, **Sandra Sousa** oferece-nos o artigo intitulado “A *Periferia* de Catarina Costa: uma leitura à luz da violência da modernidade”. A autora empreende uma análise crítica do romance de Catarina Costa, tendo como objetivo investigar como Costa aborda a relação complexa entre modernidade e violência contra as mulheres. Para alcançar esse propósito, Sousa baseia a sua análise nas referências teóricas de Mary Louise Pratt, e Nelson Maldonado-Torres, entre outros, destacando como *Periferia* desafia narrativas eurocêntricas e patriarcais que estão profundamente arraigadas na modernidade.

Entrando num contexto da diáspora, **Roberta Guimarães Franco** e **Danila da Silva Gonzaga** apresentam-nos um artigo que se centra na obra de duas escritoras que se têm tornado indispensáveis para se (re)pensar a pós-colonialidade portuguesa, Djaimilia Pereira de Almeida e Yara Monteiro. O foco principal da análise é a forma como os livros *Esse Cabelo* e *Essa Dama Bate Bué!* abordam as múltiplas formas de violência enfrentadas por indivíduos da diáspora, especialmente a experiência feminina. As autoras argumentam que as personagens Mila e Vitória, presentes nas obras mencionadas, desempenham um papel crucial ao oferecer uma compreensão mais profunda e uma análise das dinâmicas violentas, especialmente em ambientes familiares, que ocorreram durante o período de descolonização de Angola e no contexto pós-colonial, períodos caracterizados pelas complexidades das representações coloniais. Ainda numa tradição angolana de diáspora, **Terezinha Taborda Moreira** traz a público um ensaio cujo título “Tradição e dessubjetivação feminina na cosmopercepção estética de Ana Paula Tavares” nos remete para a sensibilidade da escrita da renomada escritora Ana Paula Tavares. Moreira analisa a crónica “A menina dos ovos de ouro,” concentrando-se na forma como a escritora organiza a sua narrativa, estabelecendo uma relação entre duas tradições culturais distintas: a ocidental e a angolana. A autora argumenta que Ana Paula Tavares utiliza um processo transcriador que permite aos leitores interpretar a sua escrita com base na noção de “poética da relação” proposta por Édouard Glissant. A hipótese central é que, ao estabelecer essa conexão entre as duas tradições culturais, a escritora explora profundamente o significado da violência simbólica que permeia a vida quotidiana das mulheres.

Voltando-nos, neste momento, para a literatura produzida em Moçambique, **Joranaide Alves Ramos** e **Sávio Roberto Fonseca de Freitas**, analisam a poesia de Noémia de Sousa contida na colectânea *Sangue Negro* através de conceitos como terra, voz e corpo e como estes se tornam territórios de “r-existência” para povos historicamente subalternizados, como os africanos, e especificamente, os moçambicanos. Partindo da análise dessas categorias, os autores identificam que a poesia de Noémia de Sousa desempenha um papel fundamental na construção e fortalecimento do projeto de moçambicanidade. A poesia de Noémia de Sousa caracteriza-se, deste modo, pelo seu engajamento directo e por meio de um tom épico, colectivo e combativo, convoca o seu povo a lutar por liberdade, enquanto cria imagens poéticas que revelam memórias e ancestralidades africanas. Permanecendo no espaço moçambicano e, desta vez, em termos comparativos, **Simone Pereira Schmidt** propõe-nos um artigo intitulado “Violências, podres poderes e a resistência das mulheres”. Nele, a autora abre asas a uma discussão abrangente sobre as violências historicamente cometidas contra as mulheres, com foco especial nas mulheres negras. Explorando as estratégias estéticas e políticas de resistência empregadas por essas mulheres, dedica-se a uma análise que envolve a obra das escritoras Lélia Gonzalez, Paulina Chiziane e Grada Kilomba, além da escritora chicana Gloria Anzaldúa, e para a necessidade das escritas feministas em combater os riscos de perda de territórios e de retrocesso em relação aos direitos conquistados pela mulher. O ensaio que a este se segue, pela mão de **Taiana Machado**, centra especificamente a sua análise no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. A sua análise é contextualizada por meio de conceitos como “comunidade imaginada” de Benedict Anderson e a discussão sobre identidades culturais na pós-modernidade de Stuart Hall. Inspirando-se ainda nas ideias de Sandro Mezzadra e Brett Neilson para explorar o conceito de fronteiras como um método de enfrentamento das categorias coloniais, Machado está preocupada em investigar como a obra de Paulina Chiziane aborda questões de identidade, colonialismo e resistência, utilizando uma estrutura teórica interdisciplinar. Segundo a crítica, utilizar as fronteiras como um enfoque analítico implica reconhecer como essas realidades se manifestam na experiência concreta das pessoas. Tal representa um ponto de partida crucial na luta contra diversas formas de violência e opressão, especialmente aquelas que ocorrem em fronteiras reais.

Dando um salto para o arquipélago de Cabo Verde, **Norma Sueli Rosa Lima** realiza uma análise do romance *A Vénus Crioula*, de Vera Duarte, com foco na literatura cabo-verdiana e na forma como o livro revisita os mitos da fundação de Cabo Verde. A análise é conduzida à luz das contribuições teóricas dos académicos Oyèronké Oyewùmí, Toni Morrison, Achille Mbembe e Manuel Veiga, entre outros. O objetivo principal da autora é investigar a possibilidade de um contra-discurso crioulo que desafia as construções ocidentais de género. Para alcançar esse objetivo, Lima explora como a obra estabelece uma profunda conexão com temas relacionados à diáspora africana

e à violência contra as mulheres durante o período colonial. Além disso, a obra não se limita a uma abordagem histórica; ela transcende as fronteiras do passado e recontextualiza essas questões de maneira contemporânea, não se restringindo apenas à realidade cabo-verdiana, mas estendendo-se também a outras culturas africanas, ampliando assim a sua relevância e alcance. Tal demonstra a riqueza e a complexidade da narrativa de Vera Duarte, que transcende fronteiras temporais e geográficas, proporcionando uma visão profunda e multifacetada das questões que aborda. A fechar este dossiê temático, **Michael de Assis Lourdes Weirich** oferece-nos um artigo que nos transporta para a literatura guineense. No seu ensaio, intitulado “Quando a mulher guineense vai à guerra: representações do feminino em memórias somânticas, de Abdulai Sila”, o crítico realiza uma análise das diversas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres na Guiné-Bissau, com foco na obra *Memórias SOMânticas* de Abdulai Sila. Ao explorar as influências históricas, políticas, sociais e culturais que moldam essas experiências, Weirich destaca a complexidade das dinâmicas sociais no contexto guineense contemporâneo. O autor ressalta que as mulheres guineenses enfrentam diferentes tipos de violência, influenciados tanto por legados coloniais e influências ocidentais quanto por tradições culturais locais. Para compreender essas dinâmicas, Weirich examina o discurso memorialístico da narradora da obra, que reavalia narrativas históricas oficiais e incorpora perspectivas individuais e subjectivas das mulheres, contribuindo para uma compreensão mais completa da situação política e social da Guiné-Bissau.

Este dossiê temático sobre representações culturais de violência contra as mulheres nas literaturas de língua portuguesa, explora, deste modo, diversas obras literárias que lançam luz sobre a complexa teia de violência que afeta as mulheres em contextos culturais de língua portuguesa variados. Através das análises minuciosas e das perspectivas críticas apresentadas ao longo dos artigos aqui incluídos, emergem narrativas que transcendem as páginas literárias e ecoam nas experiências reais das mulheres. Pensamos ser evidente que a literatura desempenha um papel fundamental na denúncia e na compreensão das violências de gênero, ao mesmo tempo que oferece espaço para a resistência e a transformação. É nosso desejo que este dossiê inspire reflexões contínuas e ações para criar um mundo mais seguro e justo para todas as mulheres, onde suas vozes e experiências sejam valorizadas e respeitadas.

Sandra Sousa (University of Central Florida)

Renata Flavia da Silva (Universidade Federal Fluminense)